

CEE'2019

Conference on Entrepreneurship Education

September 13 — 2019
Porto, Portugal



organization



FACULDADE DE ENGENHARIA
UNIVERSIDADE DO PORTO

FEP FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DO PORTO



CEE'2019

Table of Contents

Foreword	3
Organizing Team	7
Poster Session	9
Move On: Potencial Empreendedor <i>S. Faria, J. Couto, M. Batista, C. Pereira, C. Carvalho</i>	10
Teaching entrepreneurship: Get ready for Generation Z <i>S. Faria, C. Pereira, C. Carvalho</i>	13
LABi9 –Laboratório de Inov@ção e Desenvolvimento de Projetos na Escola Secundária de Gondomar <i>F. Silveira</i>	16
Education's impact on women entrepreneurship: Turkey, a case study <i>Teresa Dieguez, Ece Günen</i>	23
Competencias y Emprendimiento en un Contexto Digital <i>María Bastida, Miguel Ángel Vázquez Taín, Loreto Fernández Fernández</i>	30
Motivadores de Participação em um Laboratório de Ideias de Negócio <i>J. Colla, P. Afonso, H. Moura</i>	35
Pedagogical Perspectives	42
Autoeficácia empreendedora em Portugal: um estudo transversal em estudantes do ensino superior <i>M.I.B. Ribeiro , A.J.G. Fernandes, I. M. Lopes</i>	43
Perspetiva dos estudantes sobre o papel das Instituições de Ensino Superior Público na promoção do empreendedorismo <i>M.I.B. Ribeiro, A.J.G. Fernandes, P.S.A. Cabo</i>	49
Cómo convertir a los profesores de emprendimiento en modelos de conducta empresarial: desarrollo de una escala de medida de las características necesarias del profesor <i>Paula San-Martín, Ana Fernández-Laviada, Estefanía Palazuelos, Elsa Diez-Busto</i>	55
Teaching Entrepreneurship & Transversal Competences: a Multicultural and Multidisciplinary Approach <i>O. Conceição</i>	61

Educação em Empreendedorismo em Regime Formal, não Formal e Informal. Que impacto no sucesso empresarial nas startups de base tecnológica? <i>Marco Ribeiro Lamas, Maite Cancelo Márquez, Loreto Fernández Fernández</i>	65
Avaliação da necessidade de incorporar a ética para a sustentabilidade na educação para o empreendedorismo: caso dos estudantes de engenharia <i>Fátima Monteiro</i>	70
Application Perspectives	75
Virtudes e Fracassos da Educação Empreendedora: O Caso Endossa <i>E. Possebon, J. Colla</i>	76
The development of entrepreneurial learning methodologies The case of Youth Start–entrepreneurial challenges, Education for entrepreneurship and experimentation of public policies in Portugal <i>Sérgio Leal, Teresa Paiva, Dana Redford, Luísa Carvalho, Cristina Soutinho, Ilda Figueiredo</i>	83
Casos e práticas no ensino e aprendizagem do empreendedorismo no âmbito do currículo da disciplina de Filosofia <i>J. M. Marques Martins Cura</i>	89
Experiências pedagógicas na promoção do empreendedorismo: casos e práticas no ensino e aprendizagem do empreendedorismo <i>Maria João Fernandes, João Ferreira,</i>	91
Heading Towards 4th Generation Incubators: Case ESA BIC Portugal <i>António Louro, C.M.Sousa e Silva, L.M.Ferreira, Carlos Cerqueira</i>	97
Estratégias de Ensino para Fortalecer a Educação Empreendedora em Sede Universitária <i>J. M. Novo Jr., J. J. Pinto Ferreira</i>	104
Regional Perspectives	106
Addressing the Singularities of Female Entrepreneurship among European Countries. The Role of Public Policy <i>Joana Costa</i>	107
Educação para o empreendedorismo: Análise das Práticas didático–pedagógicas e proposta de um novo modelo para o ensino do empreendedorismo em Timor –Leste <i>B. B. H. Carvalho Jesus, R. Quaresma</i>	109
Ecosistema Empreendedor Universitario: Propuesta de una Herramienta de Autoevaluación <i>Camino Ma. Paz, Oliveras Guadalupe, Petz Flavia, Tauro Ma. Agustina, Zwenger Nayla</i>	116
El aprendizaje servicio: una herramienta para introducir la dimensión ética y solidaria de la financiación en la Economía Social en el aula. <i>Loreto Fernández, Ana Olveira</i>	123

Autoeficácia empreendedora em Portugal: um estudo transversal em estudantes do ensino superior

M.I.B. Ribeiro | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal | Centro de Investigação de Montanha, Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia, 5300-253 Bragança, Portugal | CETRAD-UTAD, Vila Real, Portugal | xilote@ipb.pt

A.J.G. Fernandes | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal | Centro de Investigação de Montanha, Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia, 5300-253 Bragança, Portugal | CETRAD-UTAD, Vila Real, Portugal | toze@ipb.pt

I. M. Lopes | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal | Unidade de Pesquisa Aplicada em Gestão, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal | Centro ALGORITMI da Universidade do Minho, Braga, Portugal | isalopes@ipb.pt

Abstract

A maioria dos países enfrenta atualmente graves problemas de desemprego sobretudo na população jovem. Em Portugal, em 2018, a taxa de desemprego entre os jovens com ensino secundário ou ensino superior era de 8,2% e 5,4%, respetivamente (PORDATA, 2019). Neste contexto, o empreendedorismo é considerado um dos mais importantes promotores do crescimento económico e social (Basol & Karatuna, 2017). Com percursos profissionais cada vez mais instáveis, o empreendedorismo pode ajudar os indivíduos a desenvolverem o seu próprio percurso profissional com sucesso (Newman, Obschonka, Schwarz, Cohen & Nielsen, 2018). De acordo com Basol e Karatuna (2017), as decisões bem como o comportamento empreendedores estão, normalmente, associados a vários fatores, entre os quais os fatores pessoais, tal como a autoeficácia empreendedora. Segundo Chen, Greene e Crick (1998), a autoeficácia empreendedora pode ser definida como sendo a convicção do indivíduo ser capaz de desempenhar tarefas e funções com o propósito de obter resultados empreendedores. Na opinião destes autores a autoeficácia empreendedora é determinante para a adoção de comportamentos empreendedores e para a escolha e prosseguimento de uma carreira profissional de sucesso. A autoeficácia empreendedora tem influência na capacidade de aprendizagem, motivação e desempenho dos indivíduos que tentam aprender e executar tarefas que acreditam que serão bem sucedidas (Lunenburg, 2011). Krekar e Coric (2013) revelam que a autoeficácia empreendedora interfere nos padrões cognitivos de resolução de problemas, motivação, excitação emocional e fisiológica, padrões de comportamento e, conseqüentemente, na qualidade do desempenho. Moriano, Palací e Morales, (2006) argumentam que a autoeficácia empreendedora é um bom preditor da intenção de criar uma empresa ou de trabalhar por conta própria. Nos estudantes, para além de ser um preditor precoce de atividades empreendedoras atuais e futuras, a autoeficácia empreendedora é, também, decisiva no processo de geração de ideias de negócios (Zięba1 & Golik, 2018). Além disso, Dessyana e Riyanti (2017) defendem que a probabilidade de obter sucesso nos negócios é tanto maior quanto maior o nível

de autoeficácia empreendedora. Bandura (1997) sustenta que a autoeficácia empreendedora é um fator-chave para o sucesso a vários níveis, designadamente, académico, profissional e interpessoal e, conseqüentemente, é determinante para o desenvolvimento pessoal e para a mudança.

Material e métodos

Este estudo, de caráter transversal, teve como objetivos determinar o nível de autoeficácia empreendedora em estudantes que frequentam uma instituição de ensino superior, verificar se existem diferenças no nível de autoeficácia tendo em conta a área científica do curso frequentado e identificar limitações que possam merecer especial atenção na formação e ou educação dos estudantes no sentido de melhor responder às necessidades do mercado de trabalho ou, ainda, apoiar e/ou promover o desenvolvimento e a implementação do próprio negócio. Foram formuladas as seguintes hipóteses:

H01: Os estudantes do ensino superior possuem níveis de autoeficácia semelhantes em todas as dimensões da autoeficácia empreendedora.

H02: As várias dimensões da autoeficácia empreendedora não estão correlacionadas entre si.

H03: Os estudantes do ensino superior têm igual nível de autoeficácia empreendedora independentemente da área científica do curso que frequentam.

Participantes

Esta investigação envolveu 795 estudantes do 1º ano de uma instituição de ensino superior politécnico localizada no interior norte de Portugal. Os estudantes que participaram no estudo frequentavam, no ano letivo de 2018/2019, um curso superior numa das seguintes áreas científicas: Educação (54,4%), Tecnologias (23,2%), Agrária (8,3%) e Saúde (14,1%). A maioria dos estudantes era do género feminino (56,9%), tinha nacionalidade portuguesa (83,3%) e frequentava um curso do 1º ciclo (80,1%) em regime de frequência ordinário (97,7%). Os estudantes tinham idades compreendidas entre os 17 e os 52 anos, sendo a média de idade de 19,7 anos (DP = 2,45).

Instrumento

Para medir o nível de Autoeficácia empreendedora entre os estudantes foi distribuído o questionário desenvolvido por De Noble et al. (1999) e adaptado por Moriano, Palací e Morales (2006). O instrumento é constituído por 19 itens que são, posteriormente, distribuídos e agregados em cinco dimensões, designadamente, 1) desenvolver novos produtos ou novas oportunidades de mercado, 2) desenvolvimento de recursos humanos críticos, 3) iniciar relações com investidores, 4) construir ambiente inovador e 5) trabalhar sob stress.

Para cada afirmação, integrada numa das cinco dimensões, os inquiridos tinham de utilizar uma escala de Likert e escolher uma entre sete opções tendo em conta o seu nível de concordância (1–discordo totalmente a 7 –concordo totalmente), sendo o ponto médio de intervalo da resposta de 4,0.

A participação dos inquiridos neste estudo foi voluntária. O preenchimento dos questionários foi levado a cabo em contexto de sala de aula, de outubro de 2018 a janeiro de 2019. Todos os participantes foram informados do anonimato e confidencialidade do inquérito.

Procedimentos

Foram calculadas estatísticas descritivas, designadamente, frequências (absolutas e relativas), medidas de tendência central (média e mediana) e medidas de dispersão (mínimo, máximo e desvio-padrão (DP)) (Pestana & Gageiro, 2014; Maroco, 2018). O coeficiente Alfa de Cronbach foi aplicado para analisar a confiabilidade do questionário e a consistência interna das respostas. O valor deve ser positivo, variando entre 0 e 1, sendo que valores superiores a 0,9 significam que a consistência é muito boa; entre 0,8 e 0,9 é boa; entre 0,7 e 0,8 é razoável; entre 0,6 e 0,7 é fraca; e, inferiores a 0,6 são inadmissíveis (Nunnally & Bernstein, 1994).

Para comparar os níveis das cinco dimensões da escala de autoeficácia empreendedora foi utilizado o teste estatístico de Friedman (Pestana & Gageiro, 2014; Maroco, 2018). Este teste permite testar a hipótese nula da igualdade de medianas entre todas as dimensões de autoeficácia empreendedora contra a hipótese alternativa de nem todas serem iguais.

Para analisar a correlação entre as várias dimensões da escala da autoeficácia empreendedora foi utilizado o teste da correlação ordinal de Spearman (Pestana & Gageiro, 2014). Testa a hipótese nula H_0 : A autoeficácia empreendedora e as suas dimensões não estão correlacionadas contra a hipótese alternativa H_1 : A autoeficácia empreendedora e as suas dimensões estão correlacionadas. O coeficiente de correlação de Spearman (ρ) varia entre -1 (correlação inversa ou negativa perfeita) e 1 (correlação direta ou positiva perfeita).

Por fim, o teste de Kruskal–Wallis foi usado para determinar se existiam diferenças, estatisticamente, significativas entre cada área científica em relação às cinco dimensões da escala de autoeficácia empreendedora (Pestana & Gageiro, 2014; Maroco, 2018). O teste de Kruskal–Wallis permite testar a hipótese nula da igualdade de medianas da autoeficácia empreendedora das quatro áreas científicas, nomeadamente, Educação, Agrária, Tecnologias e Saúde.

Para a execução do estudo analítico foi utilizado um grau de confiança $(1 - \alpha)$ de 99% a que corresponde um nível de significância (α) de 1%. A regra de decisão estatística é rejeitar a hipótese nula quando p -value (valor de prova ou probabilidade de significância) é inferior ao nível de significância (Maroco, 2018). No estudo de correlações, foi possível, aumentar grau de confiança para 99,9%.

Os dados foram editados e analisados com recurso ao software IBM SPSS Statistics versão 25.0.

Resultados e discussão

O teste de Friedman mostrou não existirem diferenças, estatisticamente, significativas entre as cinco dimensões analisadas (p -value = 0,053), uma vez que os resultados não permitiram rejeitar a hipótese H_0 . Contudo, "Desenvolver recursos humanos críticos" foi a dimensão que registou o nível de autoeficácia mais baixo, enquanto "Construir um ambiente inovador" foi a dimensão que registou o nível de autoeficácia mais elevado (3,12). Estes resultados contradizem os obtidos pelo estudo realizado na Indonésia no qual se registaram diferenças, estatisticamente, significativas, tendo-se verificado que o nível de autoeficácia empreendedora era mais elevado na dimensão "Iniciar relações com investidores" (Setiawan, 2014).

Verifica-se que 19% dos estudantes registaram um nível elevado de autoeficácia empreendedora. Contudo, 16,6% possuíam um nível baixo ou muito baixo e os restantes apresentavam um nível médio (64,4%). Num estudo realizado na Indonésia verificou-se que apenas 2,0% dos estudantes possuíam um baixo nível de autoeficácia empreendedora (Setiawan, 2014). Esta discrepância pode ficar a dever-se ao facto de os estudantes indonésios terem frequentado um curso de Empreendedorismo com a duração de quatro semestres. De facto, a cultura não parece ser um fator discriminador da autoeficácia empreendedora de estudantes universitários uma vez que os resultados de um estudo levado a cabo na Turquia e na Polónia revelaram a inexistência de diferenças significativas (Basol & Karatuna, 2017).

A dimensão "Trabalhar sob stress" foi a que arrolou mais estudantes com níveis de autoeficácia elevados (28,8%) contrariamente ao estudo realizado na Indonésia no qual os estudantes mostraram não saber se conseguiriam trabalhar produtivamente sob stress contínuo, pressão e conflito (Setiawan, 2014).

A autoeficácia empreendedora, bem como as suas dimensões, apresentavam correlações estatisticamente significativas (p -value < 0,01), fortes ($\rho \approx 1$) e diretas (positivas) entre si, resultados que permitiram rejeitar a hipótese H_0 . Ou seja, à medida que aumenta a capacidade para realizar tarefas empreendedoras, a autoeficácia empreendedora aumenta bem como a capacidade para realizar outras tarefas empreendedoras. Tais resultados eram esperados pois considera-se que se as dimensões permitem medir a autoeficácia empreendedora então deverão estar correlacionados

entre si (Moriano, Palací & Morales, 2006).

O teste de confiabilidade mostrou que a escala de autoeficácia empreendedora é adequada para medir o desempenho dos estudantes no que diz respeito à realização de tarefas e funções voltadas para a obtenção de resultados empreendedores, nas várias áreas de conhecimento, que foram alvo deste estudo (Alfa de Cronbach $> 0,9$). Os valores do coeficiente Alfa de Cronbach superiores a 0,9 significam que o instrumento de medida utilizado tem boa consistência interna (Nunnally & Bernstein, 1994). Quando consideradas as dimensões de autoeficácia empreendedora verificou-se que os valores dos coeficientes Alfa de Cronbach nas dimensões 1 a 4 se mantinham acima de 0,8 e próximos de 0,9. No entanto, os coeficientes Alfa de Cronbach registados para a dimensão 5 "Trabalhar sob stress" aproximaram-se de 0,6 o que poderá ser explicado pelo menor número de fatores (2) com que conta esta dimensão na escala de autoeficácia adaptada (Moriano, Palací & Morales, 2006). Assim sendo, este aspeto poderia ser melhorado através da inclusão de novos fatores ou tarefas relacionadas com esta dimensão. Os resultados provaram a existência de diferenças, estatisticamente, significativas entre os níveis de Autoeficácia Empreendedora tendo em conta a área científica (p -value $< 0,01$). De facto, os resultados levaram à rejeição da hipótese H03. Os estudantes que frequentavam um curso na área das Tecnologias registaram um nível de autoeficácia empreendedora mais elevado quando comparados com os estudantes que frequentavam um curso de outras áreas científicas, nomeadamente, Educação, Agrária e Saúde. Tal poderá ficar a dever-se ao facto das formações na área tecnológica serem mais orientadas para a realização de projetos. Em cada dimensão foram identificados os seguintes fatores com níveis de autoeficácia mais baixos, embora moderados, "Projetar produtos que resolvam problemas comuns" (Média = 4,43; DP = 1,384), "Desenvolver um planeamento adequado de pessoal para preencher as posições chave da empresa" (Média = 4,43; DP = 1,377), "Tolerar as mudanças inesperadas nas condições de realização dos negócios" (Média = 4,43; DP = 1,410), "Desenvolver relacionamentos com pessoas chave para obter capital" (Média = 4,42; DP = 1,388) e "Trabalhar de forma eficaz em situações de conflito" (Média = 4,35; DP = 1,470).

Este estudo transversal teve como principal objetivo determinar o nível de autoeficácia empreendedora em estudantes que frequentam uma instituição pública de ensino superior localizada no nordeste português. Foram inquiridos 795 estudantes que, no ano letivo de 2018/2019, frequentavam o 1º ano de um curso numa das seguintes áreas científicas: Educação (54,4%), Tecnologias (23,2%), Agrária (8,3%) e Saúde (14,1%). A maioria dos estudantes era do género feminino (56,9%), tinha nacionalidade portuguesa (83,3%) e frequentava um curso do 1º ciclo (80,1%) em regime de frequência ordinário (97,7%). Os estudantes tinham idades compreendidas entre os 17 e os 52 anos, sendo a média de idade de 19,7 anos (DP = 2,45).

Os estudantes registaram um nível de autoeficácia empreendedora moderado. Contudo, 16,6% dos estudantes apresentaram um nível baixo ou muito baixo da autoeficácia empreendedora. Por outro lado e apesar do nível de autoeficácia ser igual nas várias dimensões, provou-se a existência de diferenças, estatisticamente, significativas nos níveis de autoeficácia, tendo em conta a área científica do curso frequentado pelo estudante. Foram os estudantes da área da educação os que apresentaram os níveis mais baixos em todas as dimensões da autoeficácia empreendedora.

A autoeficácia empreendedora é considerada uma mais-valia para a geração de ideias e criação de novos negócios com sucesso. Neste contexto, deverão as instituições de ensino superior ser capazes de proporcionar formação com o propósito de melhorar as competências empreendedoras e aumentar o nível de autoeficácia dos seus estudantes o que será determinante não só para a procura de emprego mas, também, para a sua criação permitindo ao individuo definir e seguir o seu próprio percurso profissional com sucesso (Setiawan, 2014). Tal como é retratado na liter-

atura, os indivíduos com maior nível de autoeficácia empreendedora são os que mais desenvolvem ações voltadas para a concretização de objetivos (De Noble, Jung & Ehrlich, 1999; Jung, Ehrlich, De Noble & Baik, 2001; Setiawan, 2014).

A instituição na qual foi realizado o estudo tem vindo a envidar esforços no sentido de envolver os docentes das diversas áreas científicas no sentido de generalizar práticas pedagógicas inovadoras baseadas no processo de cocriação que permitam o desenvolvimento das capacidades dos estudantes na realização de tarefas empreendedoras. Para além disso, foi criado um curso de mestrado no qual tais práticas foram adotadas no âmbito do Projeto Demola. Como foi referido, trata-se de um estudo transversal o que constitui uma limitação do mesmo. Esta limitação é passível de ser superada em investigações futuras que permitam acompanhar a evolução das capacidades de desenvolvimento de tarefas empreendedoras por parte dos estudantes ao longo do tempo.

Agradecimentos

Os autores agradecem à (a) Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT, Portugal) e ao FEDER no âmbito do programa PT2020 pelo apoio financeiro ao CIMO (UID/AGR/00690/2019) e ao (b) CETRAD, UI&D financiada por fundos nacionais através da FCT –Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2019.

References

- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The Exercise of Control*. New York: W.H. Freeman and Company.
- Basol, O. & Karatuna, I. (2017). Entrepreneurial Self-Efficacy of University Students: A Cross-Cultural Study, *Management*, 12 (1): 27–40.
- Chen, C., Greene, P. & Crick, A. (1998). Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? *Journal of Business Venturing*, 13: 295–316.
- de Noble, A., Jung, D. & Ehrlich, S. (1999). Entrepreneurial Self Efficacy: The Development of a Measure and Its Relationship to Entrepreneurial Action. *Frontiers of Entrepreneurship Research*, 73–87.
- Dessyana, A. & Riyanti, B. (2017). The Influence of Innovation and Entrepreneurial Self-Efficacy to Digital Startup Success, *International Research Journal of Business Studies*, 10 (1): 57–68.
- Jung, D., Ehrlich, S., de Noble, A. & Baik, K. (2001). Entrepreneurial self-efficacy and its relationship to entrepreneurial action: A comparative study between the US and Korea. *Management International*, 6: 41–53.
- Krecar, I. & Coric, G. (2013). Changes in Entrepreneurial Self-Efficacy since Completion of Entrepreneurial Studies, *Procedia –Social and Behavioral Sciences*, 89: 74 –78.
- Lunenburg, F. (2011). Goal-Setting Theory of Motivation, *International Journal of Management, Business, and Administration*, 15 (1): 1–5.
- Maroco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS statistics*, Pero Pinheiro: ReportNumber.
- Moriano, J., Palací, F. & Morales, J. (2006). Adaptación y validación en España de la escala de Autoeficacia Emprendedora. *Revista de Psicología Social*, 21 (1): 51–64.
- Newman, A., Obschonka, M., Schwarz, S., Cohen, M. & Nielsen, I. (2018). Entrepreneurial self-efficacy: A systematic review of the literature on its theoretical foundations, measurement, antecedents, and outcomes, and an agenda for future research, *Journal of Vocational Behavior*, 1–17.
- Nunnally, J. & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory*. 3rd ed. McGraw-Hill; New York.
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2014). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS*, Lisboa: Edições Sílabo.
- PORDATA (2019). Desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional

(média anual): total e por nível de escolaridade completo –Continente em Portugal. Information consulted in March 2019 and available in:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+con>

Setiawan, J. (2014). Examining Entrepreneurial Self-Efficacy among Students, *Procedia –Social and Behavioral Sciences*, 115: 235–242.

Zięba1, K. & Golik, J. (2018). Testing Students? Entrepreneurial Self-Efficacy as an Early Predictor of Entrepreneurial Activities. Evidence from the SEAS Project, *Journal of Entrepreneurship, Management and Innovation (JEMI)*, 14 (1): 91–108.

Perspetiva dos estudantes sobre o papel das Instituições de Ensino Superior Público na promoção do empreendedorismo

M.I.B. Ribeiro | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal | Centro de Investigação de Montanha, Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia, 5300-253 Bragança, Portugal | CETRAD-UTAD, Vila Real, Portugal | xilote@ipb.pt

A.J.G. Fernandes | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal | Centro de Investigação de Montanha, Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia, 5300-253 Bragança, Portugal | CETRAD-UTAD, Vila Real, Portugal | toze@ipb.pt

P.S.A. Cabo | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal | Centro de Investigação de Montanha, Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia, 5300-253 Bragança, Portugal | paulacabo@ipb.pt

Abstract

O empreendedorismo pode ser visto como uma solução para a estagnação ou declínio da atividade económica, pelo que os governos têm adotado medidas com o objetivo de o estimular (O'Connor, 2012). A decisão de criar uma nova empresa é reflexo de fatores internos e externos, os quais podem restringir as oportunidades para se tornar num empreendedor. Estes fatores incluem as condições nacionais e/ou com o ambiente onde os indivíduos se encontram inseridos (a cultura, sociedade, família e valores religiosos) e fatores inerentes ao indivíduo (idade, estado civil, género, educação e experiência profissional). Portugal debate-se com uma série de fatores que condicionam o progresso do empreendedorismo, especialmente a cultura, sendo que o ambiente cultural em que os indivíduos se inserem condiciona os seus valores, atitudes e comportamento. O medo de falhar, a aversão ao risco e à incerteza, ao receio social da falência e à rejeição de uma carreira pessoal independente (Marinha, Silva, Carreto, Terrível & Costa, 2014; Amway Europe, 2013; Duarte & Esperança, 2012; Ferreira, Santos & Serra, 2010) limitam o potencial empreendedor dos portugueses.

O empreendedorismo pode ser instigado pela socialização e educação e as competências empreendedoras aprendidas através do ensino e formação (Hoffmann et al., 2005, Schøtt, Kew & Cheraghi, 2015). Assim, o empreendedorismo é, atualmente, uma competência fundamental nas estratégias educativas definidas pela União Europeia. De facto, alcançar uma massa crítica de jovens empreendedores requer um investimento a longo prazo no desenvolvimento do capital humano (Vassiliou, 2014). Por outro lado, a promoção de uma atividade empresarial efetiva entre os jovens facilita a sua integração no mundo laboral e o aproveitamento do seu potencial para o desenvolvimento sustentável das regiões (Schøtt, Kew & Cheraghi, 2015).

Neste contexto, tem sido enfatizado o papel Instituições de Ensino Superior (IES) na transferência de tecnologia e inovação e no reforço do compromisso com a educação em empreendedorismo. Espera-se que as IES, contribuam para o desenvolvimento de características e atitudes em-